

UM POEMA DE AMOR E DOZE CANÇÕES DESESPERADAS

UM POEMA DE AMOR E DOZE CANÇÕES DESESPERADAS

O ENCONTRO OU: A Senhora e o pigmeu.
(Dum lugar qualquer além do Planeta Silencioso)

ele era o Esquisito, o trágico, o pigmeu.
Ela, a Senhora.
ele se acreditava um Peão, Vencedor de todos os Rodeios.
Ela era a Encantada. Intocável.
ele teimava em fugir na Noite.
Ela era a Luz.
ele era cego e torto. Ela, a Estrada...
ele era o Abismo. ele sabia ferir.
Ela, curar.
ele, infecundo, não sabia chorar.
Ela ensinou.
Ela chorou por ele, e cada lágrima se fazia Farol e Redenção.
Ela, Encantada, Necessária.
ele a contaminou.
A Senhora orou por ele, desejando-o no Paraíso.
ele carregava o inferno na alma.

Mas não possuía alma, só transportava o Vazio.
Um mensageiro do Nada, cultuando mortes e perdas.
A Necessária o convidava a conhecer montanhas.
ele só sobrevivia no barro.
ele só enxergava nas trevas, só caminhava em desertos.
ele tinha um nome: Solidão.
ele pariu uma filha: Tristeza.
Gerada num abraço louco, quando ele se fez como Tirésias,
e se entregou ao Sonho, o Sedutor.
Nas caminhadas pelo deserto
ou nas eternas noites no pântano,
a Tristeza foi fiel
e nunca o abandonou.
Um dia, a Senhora mandou a Tristeza embora...
ele chorou: não queria crescer, tinha medo de voar.
então, Ela resolveu matá-lo.
e, ele, a Águia Cega,
tornou-se Eterno,
nos olhos dela.

(Vapasi Lorca)

PESADELO NOTURNO

É noite. Deito-me na cama, durmo, sonho.
Nos sonhos perambulo, disforme vagabundo.
É somente em sonhos que toda ilusão ponho.
É apenas assim que reconheço o mundo.

Nos sonhos as idéias que consciente eu repilo,
tomam corpo, de mim se apoderam, vergonhosas,

algumas sublimes, e enfim, em grande estilo,
passeio em meus sonhos pelas noites tenebrosas.

Quantos complexos se livram nestes passeios,
lugares onde os dias são sempre escuros.
Vejo mulheres que têm em lugar de seios,
podres carnes, cheias de vermes, dois monturos.

Vagueio pelos imensos campos de meus horrores
perseguido luzes de brilhos vacilantes,
os clarões que persigo tornam-se perseguidores,
são como espectros iluminados, alucinantes.

Agora estou num casarão fantasmagórico, medonho,
feito de tábuas, quase a cair, escuro...
É de enlouquecer, é pesadelo, não sonho,
são muitos quartos onde me embrenho, me torturo.

Talvez seja este casarão a minha mente,
e os quartos escuros, os meus segredos
e esta escuridão pegajosa e insistente,
a consciência que me aflige com meus medos.

Há nestes quartos tantos fantasmas horrendos,
assemelham-se a demônios, antigos sonhos sufocados,
de faces irreais e seus gestos tremendos,
mais parecem blasfêmias de anjos condenados.

PÁRIAS

Homens frustrados que penetram a madrugada
Fantoches tristes, perdidos nos caminhos

Erram pela vida e sabem que ela é nada
sentindo o medo de viver sozinhos.

Tristes seres que a miséria arrasta
Fantasmas loucos num vaguear maldito
Párias sem rumo que a sociedade afasta
vermes que morrem sem soltar um grito.

POETA OU CAMINHANTE

Triste poeta a vagar sem vida
pela vida a vagar, triste poeta
remoendo ilusões jamais vividas
na vida, já de amor tão quieta.

Caminheiro errante e pensativo
solitário, vencido sem batalhas
medrosa sombra, fantasma esquivo
maltrata-te o peito cruéis fornalhas.

De teus olhos está o amor ausente
embora seja amor o que tanto queres
para apoiar o rosto ardente
nos cálidos braços das mulheres.

Vai poeta! Vivendo tua vida inútil
Caminha sem errar teu passo
busca a luz distante e fútil
que ilumina teus gestos de palhaço!

HOJE EU ESCREVERIA UM POEMA...

Hoje eu escreveria um poema...
Nesta tarde sossegada eu seria capaz de escrever um poema.
Mas não escreverei, pois só a tarde é sossegada, eu não.
Tenho compromissos e nenhum atende aos sentimentos
que me dominam agora:
esta vontade de parar um pouco
de ver o mundo, as pessoas,
e as coisas, com outros olhos, com ternura, com compreensão.
Mas, não sou poeta, sou mercador
e preciso vender, comprar, trocar minhas bugigangas...
tesouros falsos pelos quais recebo de volta moedas sem valor.

Hoje eu escreveria um poema...
Mas não posso parar – e se parar eu choro,
ou se parar eu vou amar o primeiro ser humano
que encontrar pela frente.
Eu não posso parar, eu não posso amar...
Eu não posso escrever poemas: não sou poeta! Sou Mercador.
Ofereci minha alma a Deus
em troca Ele me protegeria e me faria feliz,
mas parece que Ele me ofertou ao demônio.

Nesta tarde, em que eu poderia escrever um poema,
tudo está sossegado, a natureza, a cidade, tudo parece espreguiçar...
Só minha alma não tem sossego; não se acalma: ela deseja...
Ela deseja...
esta quietude e alguém bem perto para amar.
Mas não tive tempo: primeiro eu precisava conquistar o mundo.
E para isto me tornei escravo dessas coisas
que me viraram as costas: a glória, as palmas e os troféus.

Não posso escrever um poema: sou um cego!
Evitei encarar os olhos da amada, medroso
de que aqueles olhos me revelassem
quanto fui surdo, cego e quanto gritei em línguas
estranhas.
Cego que fui e sou, só conheci o Desejo
e fugi do Amor.
Se eu amasse, nesta tarde, eu escreveria um poema!

SEGURA MINHA MÃO

Em qualquer hora que precisar me chame!
Quero ser mão que apóia,
sorriso que incentiva, coração que abriga!
Quero ser caminhos e não obstáculos.
Mas quero, e preciso, descansar também
neste teu coração generoso!
Não sou forte: trago cicatrizes mal curadas.
Não sou bom: Carreguei invejas e mágoas pela vida!
Hoje eu tento jogá-las para longe,
porque vi que foram frutos mortos que abriguei,
e me fizeram assim impaciente e injusto
nas horas em que eu desejava mostrar que era bom
e filho de Deus, mas feito de barro.

Quero te dar tudo que tenho:
uma coragem pequena,
num coração que se acreditava tão grande quanto o Universo.
Quero te levar ao Paraíso,
Porém, tarde demais percebo que não tenho a chave!
Fiquemos aqui fora, sentados na colina,

olhando o céu, as estrelas e os sonhos nossos!

DESENCANTO

Um cigarro apagado
um sorriso cansado
acende-se o cigarro
recorda-se o escarro
que alguém nos lançou
vê-se subir a fumaça
eleva-se a taça
que não se esvaziou
recorda-se o passado
o encanto quebrado
qual vaso de barro
de enfeite bizarro
que alguém desenhou
Olha-se a suja vidraça
onde se estampa a desgraça
dum amor que se acabou.
Quanta tristeza
morta a beleza
o encanto cessou
vida sem perfume
tanto negrume
a luz se apagou.
Consumando a desgraça
desfez-se em fumaça
a ilusória fortaleza
foram-se: sonhos, nobreza

tudo findou.
Cabeça baixa, nenhum gesto
mudo, sem protesto
nenhum som, nenhuma praga
olha a ferida, dolorosa chaga.

PARA LER QUANDO DEUS ESTÁ AUSENTE

Nem emoções nem mágoas
agitam o lodo das profundezas.
As lutas me aterrorizam,
vitórias temo
mais do que as derrotas.
Não me tragam esperanças
não me falem de perdão.
No canto duro de minha boca
Ainda não pousou a paz.

Não foram construídos para o futuro
ideais nem sonhos
e no passado não houve obra
para olhar-me com complacência.
Acreditando-me imortal
Caminho assim, com esses remendos,
indeciso,
tenho a garganta ferida
por não cantar.

SE VOCÊ FOSSE UMA PROSTITUTA

Se você fosse uma prostituta seria mais confortável

Com trinta dinheiros, eu olharia seu ventre
e abraçaria seu corpo
e penetraria no profundo dos seus segredos
e nunca a conheceria...

Vendida, e no leito,
eu seria o senhor
E nunca
você teria sido
Minha!

Escorreriam
de mim
as canalhices
e as dores
da impotência
E suas coxas,
Ó Sulamita!
jamais me esquentariam!

Eu não beijo
esta boca acolchoada de virtudes
eu não umedeço este ventre marcado
eu não rasgo sua tenda
com a espada do meu desejo!
eu não trago o dízimo da semente podre
para depositar nesta urna quente que me espera!
Eu não respeito os véus...
Eu não sou o que murmura palavras de carinho
porque garras não são dentes

Eu sou a Perdição.

TALVEZ...

Talvez nós dois nunca nos encontremos.

Talvez ainda digamos um "oi", vez por outra,
Numa dessas festas que ocupam nosso tempo,
e nos faz acreditar que estamos vivendo a vida
e não fugindo dela.

Talvez, aos poucos, com o passar do tempo,
já nem nos lembraremos mais
quem é ou quem foi o outro em nossa vida.

Terá sido apagado da memória.

Pode acontecer, talvez, que numa noite
em que a solidão se faça tão dolorosa,
tu te lembrarás, ou eu me lembrarei,
das palavras que trocamos,
dos beijos que nos prometemos,
ou do amor que nos juramos,
num instante mágico, em que acreditávamos na Eternidade.

Talvez tu consigas ser feliz.

Ou te iludirás que a felicidade é
como essas jóias falsas que temos nas mãos.

Talvez, numa madrugada fria,
quando ouvires o som distante dum violino,
tu te lembres que poderíamos estar juntos.

Talvez...

Talvez tenha sido melhor assim:

nunca mais nos encontrarmos e guardarmos a ilusão
de que fomos feitos um para o outro
e que o destino, ou a sorte, ou o acaso,

não nos deixou viver este sonho.

Talvez.

Mas, confesso, amada, agora eu ouço uma música:

aquela que poderia ter sido a "nossa música"

e me vieram, como desalmadas invasoras,

a tristeza, o desejo e a saudade,

E me revelaram, mais uma vez, que na vida eu falhei

por viver apegado ao ninho,

sem notar que ele se tornara uma cama de espinhos

e eu já ficara cego à cor das flores,

e insensível à maciez de teu corpo,

e surdo ao chamado do Amor

e da tua voz carinhosa

que um dia, como numa oração,

mostrou-me abrigos e caminhos.

Talvez...

Talvez eu nunca devesse aparecer de novo

revelando misérias e carências.

Mas, voltei, amada!

Talvez seja a última oportunidade de te dizer:

Te Amo!

ESTRADAS

Vim trazendo minha tristeza,

carregada com dureza, e em meio à dor meu grito sufocado.

Estou cansado, a caminhada é longa, não vejo encantos no caminho.

Veio a seca e levou a chuva, veio a dor e levou meu riso.

Vieram os anos e levaram a mocidade.

E assim sem cantar, e assim sem esperança, se turva o meu futuro,

se enrugam o liso de meu rosto.

Endurece a alma perdida da beleza.
Esquecem os olhos as cores do caminho.
Os desejos já não encontram ressonância em meu cansaço.
Quantos foram os sonhos que abriguei neste coração pequeno.
Perplexo e ansioso gastei muitas estradas.

MARCHA FÚNEBRE

Tu irás seguindo teu caminho. Caminharás levando gravado nos ouvidos, sempre, uma marcha fúnebre. E não saberás que ela é para ti. Não acreditarás que a marcha que te persegue a qualquer hora, acompanha o teu cadáver. Porque é difícil admitir que se é um cadáver.

Irás, pregando em postes os teus cartazes, conquanto saibas que jamais serão lidos.
Olharás, assustado, para todos os cantos, temendo agressões, embora saibas que só tu és a tua própria ameaça.

Chamar-te um condenado seria dar-te um título, seria dar-te um nome e tu não mereces, porque nome é uma distinção e não há possibilidade de distinguir-te.

Vives sempre à espera e fugindo sempre, com tenacidade, da chegada.

Encontras, às vezes, em raras encruzilhadas, outra cruzilhada, porém tu foges com horror, quando pressentes em ti um gesto.

És virgem de afeto.

A AGENDA É MINHA BÍBLIA

Esta noite que passou a lua estava linda.
Iluminava quem a olhasse
e também aqueles que não têm tempo
ou cujas almas andam cegas e ressequidas,
fechadas para as belezas.

Hoje o Sol apareceu tão belo,
abraçando a Terra,

como se quisesse dizer:

"Eis a vida!

À frente, ao lado, ao redor!

Ama o orvalho nesta manhã.

Observa as gotas peroladas

que embelezam ainda as folhas verdes

e que meu calor não mata, mas transforma.

Eis que te presenteio com minha luz,

para tornar mais fácil a escolha dos teus caminhos!"

Há nos ares melodias e perfumes!

Por que deixei meus olhos tão sem cores?

E a boca muda ao canto,

esquecida de sorrir?

E as mãos de costas ao gesto

do toque e do abraço?

Ensinaram-me que dentro de cada um existe um oceano
de possibilidades!

Por que me esqueço desta lição?

Eu me tranco no cansaço

e faço da correria um compromisso.

A cada degrau que escalo mais enxergo a solidão!

A agenda é minha bíblia:

Levar, buscar, trazer, pagar, receber.

Metas alcançadas, mais compromissos.

Sou um currículo, não uma biografia!

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/um-poema-de-amor-e-doze-cancoes-desesperadas>